

# Proposta inicial de uma teoria geral da inteligência competitiva

**Elaine Coutinho Marcial**

Coordenadora dos cursos de especialização em Planejamento por Cenários e as Políticas Públicas e em Gestão da Informação e Inteligência Estratégica e pesquisadora convidada da Faculdade Mackenzie de Brasília, Doutorado em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília, <http://lattes.cnpq.br/1454719710051052>, [elamarcial@gmail.com](mailto:elamarcial@gmail.com).

Submetido em: 22/08/2017. Aprovado em: 24/10/2017. Publicado em: 22/02/2018.

## RESUMO

Propõe os princípios da Teoria Geral da Inteligência Competitiva, por meio de sua definição científica, da delimitação de sua estrutura científica e do sistema de investigação nos níveis epistemológico, científico e aplicado. A pesquisa é descritiva, e os métodos utilizados foram o bibliográfico e o histórico, estruturados sob a abordagem sistêmica para a compreensão de objeto científico. Conclui que essa delimitação é possível por atender os requisitos de disciplina científica estipulados pela filosofia da ciência.

**Palavras-chave:** Inteligência competitiva. Estrutura científica. Ontologia. Axiologia. Epistemologia.

## *Initial proposal of a general theory of competitive intelligence*

### ABSTRACT

*It proposes the principles of the General Theory of Competitive Intelligence, through its scientific definition, the delimitation of its scientific structure and the research system at the epistemological, scientific and applied levels. The research is descriptive, and the methods used were the bibliographical and the historical, structured under the systemic approach to the understanding of scientific object. It concludes that this delimitation is possible by meeting the requirements of scientific discipline stipulated by the philosophy of science.*

**Keywords:** *Competitive intelligence. Scientific structure. Ontology. Axiology. Epistemology.*

## *Propuesta inicial de una teoría general de la inteligencia competitiva*

### RESUMEN

*Propone los principios de la Teoría General de la Inteligencia Competitiva, por medio de su definición científica, de la delimitación de su estructura científica y del sistema de investigación en los niveles epistemológico, científico y aplicado. La investigación es descriptiva, y los métodos utilizados fueron el bibliográfico y el histórico, estructurados bajo el enfoque sistémico para la comprensión de objeto científico. Concluye que esta delimitación es posible por atender los requisitos de disciplina científica estipulados por la filosofía de la ciencia.*

**Palabras clave:** *Inteligencia competitiva. Estructura científica. Ontología. Axiología. Epistemología.*

## INTRODUÇÃO

Vive-se uma nova ordem social, movida pela informação, na qual torna-se premente a informação certa, na hora certa, para que se possa tomar a decisão certa em um mundo de grandes incertezas. Nesse contexto, a inteligência competitiva apresenta-se como solução e cresce sua utilização no mercado mundial, em especial pelas grandes organizações (VARGAS; 2001; GIA, 2005; MARCIAL, 2007).

Entretanto, a inteligência competitiva, por ser uma área do conhecimento relativamente recente, ainda carece de fundamentação teórica que permita sua aplicação pelas organizações a fim de obter a maior eficácia na sua adoção (MARCIAL, 2007). Não há uma definição clara de seu objeto, dos problemas de pesquisa e dos métodos escolhidos para resolvê-los – características básicas de uma disciplina científica. Também não há consenso sobre sua origem e marcos teóricos que mostrem a evolução científica dessa área, conforme pode ser observado em: Prescott (1999); Gorla, (2006); e Mendes, Marcial e Fernandes (2010). Muito menos é clara e sistematizada sua estrutura científica e seu sistema de investigação, com a definição do paradigma que rege a pesquisa na área, de sua estrutura científica, especificando as teorias, modelos e métodos que a compõem, ou mesmo consenso no nível aplicado. Não foi encontrada uma definição científica para a inteligência competitiva, nem mesmo há consenso quanto a sua definição, conforme é possível verificar em Fuld (1995); Kahaner (1996); Tyson (1998); Prescott (1999); Taborda e Ferreira (2002); e Mendes et al. (2009).

Em síntese, falta uma teoria geral unificada da inteligência competitiva, e esta pesquisa visa suprir essa carência, ao ter como objetivo propor os princípios de uma Teoria Geral da inteligência competitiva, por meio da delimitação de sua estrutura científica e sistema de investigação nos níveis epistemológico, científico e aplicado, bem como de uma definição científica para a área.

Justifica-se pelo fato de, atualmente, a atividade de inteligência competitiva ter se tornado relevante para a manutenção e aumento da

competitividade em ambientes de inovação permanente, hiperinformação e hipercompetição. Para que essa atividade continue contribuindo com o processo decisório, é premente sua evolução no campo da ciência, necessitando assim, de uma teoria geral da IC que oriente pesquisadores e praticantes, sendo necessário uma definição clara de seu objeto de pesquisa, de sua estrutura científica e sistema de investigação. Assim, estabelece-se a seguinte questão de pesquisa: É possível estabelecer uma Teoria Geral da inteligência competitiva, delimitando seus fundamentos teóricos, sua definição e estrutura científica, bem como seu sistema de investigação nos níveis epistemológico, científico e aplicado?

## UMA ESTRUTURA CIENTÍFICA E SEUS SISTEMAS DE INVESTIGAÇÃO

A delimitação de um objeto, sua estrutura científica e seu sistema de investigação para qualquer campo do conhecimento ligado à informação não é trivial. Para tanto, buscou-se na filosofia da ciência e em pesquisas já realizadas os subsídios para a construção dessa delimitação.

No que diz respeito à delimitação do objeto científico, destacam-se as visões integradas de Chauí (2005), Kuhn (2006) e Popper (2008), ao defenderem que, para a delimitação de qualquer objeto científico, os elementos seguintes são chave: qual a essência desse conhecimento (o que é? Qual é a realidade e qual é a significação de algo, não importa o que); qual é sua significação ou estrutura (como é? Como é essa estrutura ou o sistema de relações que constitui a realidade de algo); qual a sua origem (por que é? Por que algo existe? Qual é a sua origem ou a causa de uma coisa, de uma ideia, de um valor de um comportamento?); e qual a sua finalidade (para que é?).

No campo da definição de uma estrutura científica e seu sistema de investigação, a pesquisa realizada por Gigch e Pipino (1986) é uma referência. O modelo proposto, baseado em uma abordagem sistêmica, pauta-se no conceito de que uma disciplina científica e seu sistema de investigação podem

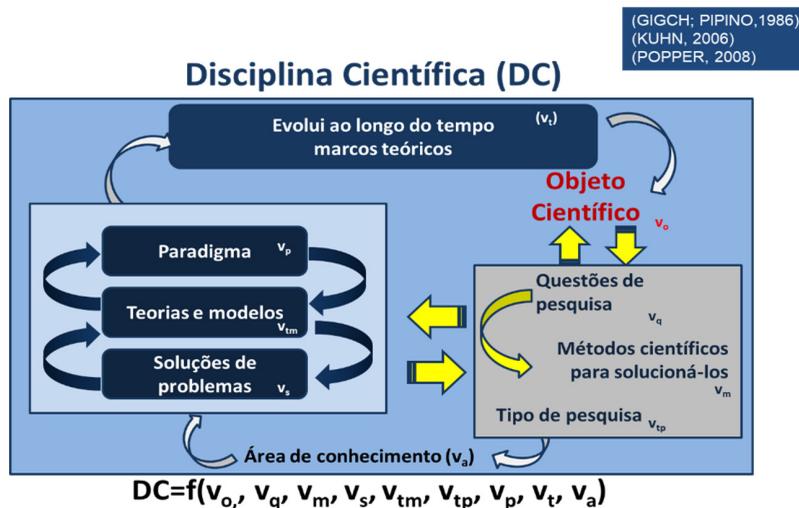
ser representados por uma estrutura hierárquica formada por três níveis: epistemológico, científico e aplicado.

O **nível epistemológico** representa o quadro conceitual e metodológico de uma área. Define a origem do conhecimento e trata de questões filosóficas, epistemológicas e teóricas sobre a ciência. Nesse nível, o processo de investigação delimita/define o objeto e produz os paradigmas que vão reger a investigação científica nesse campo do conhecimento. O **nível científico** é o de desenvolvimento, formulação e validação das teorias, métodos, técnicas e modelos relacionados ao objeto científico. Os produtos desse nível são desenvolvidos sob a égide do paradigma definido no nível anterior e sevem para desenvolver e ampliar o conhecimento a ser utilizado no sistema de investigação no nível aplicado. Podem tomar emprestado conhecimentos de outras disciplinas. Já no **nível aplicado**, a investigação busca solucionar problemas da vida real para os quais se aplicam as teorias, modelos, métodos e técnicas desenvolvidos no nível anterior. Nesse nível, são utilizados métodos de investigação empíricos como estudo de caso, testes e estudo de campo e laboratoriais. Quando os demais elementos da estrutura científica disponíveis não solucionam mais os problemas da vida real, o processo é retroalimentado, questionando-se o paradigma vigente, com a realização de novas investigações no nível epistemológico.

Esse modelo pode ser sintetizado na figura 1, que apresenta as variáveis existentes para o entendimento da estrutura científica e seu sistema de investigação. Para todo objeto científico ( $V_o$ ) há questões de pesquisa ( $V_q$ ) e métodos científicos ( $V_m$ ) para solucioná-los, que são aplicados em três tipos de pesquisa ( $V_{tp}$ ): experimental, descritiva ou exploratória. Essas pesquisas ocorrem no nível aplicado, científico ou epistemológico, gerando soluções de problemas ( $V_s$ ) no mundo real, ou teorias e modelos ( $V_{tm}$ ) ou paradigmas ( $V_p$ ) que geram evoluções acumulativas ou revolucionárias nesse campo de conhecimento. A evolução dessa área de conhecimento ( $V_a$ ) no tempo é registrada por seus marcos teóricos ( $V_t$ ) que retroalimentam ou redefinem o objeto de pesquisa.

Destaca-se que, para o preenchimento do valor de algumas variáveis mais subjetivas do modelo utilizaram-se os seguintes critérios: para a classificação da pesquisa ( $V_1$ ): **epistemológico**: se o objeto de pesquisa for a origem do conhecimento da disciplina, ou seja, trata de questões filosóficas, epistemológicas, ontológicas, éticas ou sobre princípios; **científico**: se o objeto de pesquisa for a formulação ou validação de teorias e modelos que são utilizados para descrever, explicar e prever o comportamento da disciplina e como ela se desenvolve; **aplicado**: se o objeto de pesquisa for a busca pela solução de problemas da vida real (MARCIAL, 2013; MARCIAL; SUAIDEN, 2016).

Figura 1 – Estrutura científica e sistema de investigação



Fonte: Marcial (2013)

Para a classificação do produto do nível epistemológico – paradigma – utilizaram-se os mesmos critérios propostos por Capurro (2004) para a ciência da informação, em função do vínculo existente entre as duas áreas: (1) físico: para pesquisas centradas na teoria de recuperação da informação física, algo tangível como documentos, físicos ou eletrônicos e dados armazenados ou não em bases de dados; (2) cognitivo: relacionado aos processos e modelos de produção da informação/conhecimento/inteligência para atender às necessidades do demandante, bem como mapas cognitivos e modelos mentais; (3) social: relacionado aos processos sociais de obtenção, produção e difusão da informação/inteligência, bem como a utilização de redes humano-sociais para apoiar tais processos (MARCIAL, 2013; MARCIAL; SUAIKEN, 2016).

No que diz respeito às soluções para problemas organizacionais (Vs), produto do nível aplicado, descreveram-se as soluções das pesquisas encontradas naquele tipo de pesquisa (MARCIAL, 2013). Já para a área de conhecimento da pesquisa (Va), utilizou-se a análise das seguintes variáveis: filiação; curso e departamento dos autores; e área do periódico onde o documento foi publicado. As demais variáveis foram extraídas diretamente do texto, conforme fornecido pelo(s) autor(es).

## AVANÇOS NO CAMPO DA INTELIGÊNCIA COMPETITIVA

Para a delimitação de uma disciplina científica é necessária uma definição clara de seu objeto de pesquisa; da evolução desse objeto e de seus marcos teóricos; da finalidade da pesquisa na área; das suas questões de pesquisa e métodos científicos para solucioná-los, por meio de que tipo de pesquisa e em que área de conhecimento essa pesquisa se desenvolve. Por fim, conhecer como ocorre esse sistema de investigação nos níveis epistemológico, científico e aplicado, como apresentado no modelo da figura 1.

Como a IC já possui concepção própria, no âmbito dessa pesquisa não foram considerados fatos, marcos históricos ou eventos que não estejam ligados diretamente ao conceito de inteligência competitiva, por exemplo: (1) a espionagem, seja ela no âmbito do Estado ou das organizações públicas ou privadas; e (2) a atividade de inteligência de Estado e Militar. Exceções foram adotadas em relação a alguns documentos considerados relevantes para o entendimento de sua origem, dado que a IC é fruto da adaptação da atividade de inteligência Militar para o campo dos negócios.

Marcial (2013, 2014) apresenta uma proposta abrangente e unificadora da evolução teórica da inteligência competitiva, destacando seus marcos teóricos, tomando como base os estudos de Prescott (1999), Gorla (2006), Mendes et al. (2010) e os levantamentos realizados por Dishman, Fleisher e Knip (2003); Fleisher, Knip, Dishman (2003), Knip, Dishman e Fleisher (2003); e Fleisher, Wright e Tindale (2007). Essa proposta é formada por cinco períodos que possuem características distintas:

- a. **Antecedentes – até 1947.** Principais marcos teóricos: os escritos de Sun Tzu por volta de 500 a.C. relacionados à arte da guerra – destacando a importância da informação estratégica – e o artigo de Jones (1947), apresentando o termo “Intelligence”, que marca a transição para o próximo período e uma ruptura paradigmática na área. Nesse período, há relatos do uso da inteligência para fins comerciais: no século XV pelos Fuggers, na Alemanha e por Eduard Lloyd, na Grã-Bretanha; a família Rothschilds, na Inglaterra do século XIX (FULD, 2002; CARR, 2003, MENDES et al., 2010; JOHNSON, 2011).
- b. **Origens e primeiros passos – de 1947 a 1969.** Principais marcos teóricos: o livro do Platt (1974) publicado em 1957, que define o processo de produção de inteligência; Guyton (1962) e Kelley (1965) que apresentam o conceito de “marketing intelligence” e Greene (1966) que aplica o termo *Business Intelligence*

no âmbito da IC, diferente do apresentado pela IBM em 1958 (LUHN, 1958; GREENE, 1966); Aguilar (1967) ao lançar a expressão *scanning the business environment*; Wilensky (1967) utiliza o termo *organizational intelligence* para as organizações públicas e privadas no apoio à tomada de decisão. Período também marcado por avanços aplicados em organizações na Europa e Japão e pelo surgimento do conceito de inteligência competitiva na França utilizando a denominação *veille* (KAHANER, 1996; PRESCOTT, 1999; GORIA, 2006).

**c. Sistematização e estrutura da inteligência competitiva nas organizações e introdução da visão da indústria e da concorrência – de 1970 a 1989.**

É marcado pelo aumento significativo da produção científica e o surgimento dos primeiros cursos em universidades europeias, como na Suécia (Universidade de Lund) e na França (Universidade de Marseille). Destacam-se os principais marcos teóricos: King e Cleland (1974; 1975), Montgomery e Weinberg (1979), Huff (1979) no campo do sistema de inteligência; Tyson (1976), Porter (1980), Hax e Majlif (1984), Porter (1985)<sup>1</sup>, Gelb (1985), Tyson (1986), Kelly (1987), Vella e McGonagle (1987), Prescott (1987), Smith e Prescott (1987), Prescott e Smith (1987), Meyer (1987), Prescott e Grant (1988), Fuld (1988) nos campos da análise e coleta de dados; Grabowski (1986), Gilad e Gilad (1988), Fuld (1988, 1993), Prescott e Smith (1989) e Prescott (1989) apresentam um modelo de inteligência para as organizações; Martinet e Ribault (1988) recuperam o atraso conceitual na França. Nessa época, é criada a Society of Competitive Intelligence Professional (SCIP) e tem início a preocupação com a proteção do conhecimento evidenciada no crescimento da temática nas publicações no período. O período também é marcado por três desafios, segundo Prescott (1999): a construção de um *business case*; a desvinculação da inteligência

competitiva das práticas de espionagem; e o desenvolvimento de técnicas de análise (KAHANER, 1996; PRESCOTT, 1999; HEDIN, 2004; GORIA, 2006).

**d. Inteligência como recurso estratégico – década de 1990.**

Caracterizam-se como principais marcos teóricos do período: Baumard (1991), Jakobiak e Dou (1992) e Ribault (1992) com as definições francesas de inteligência; Harbulot (1992) introduz o tema “Inteligência Econômica” reforçado com o *Relatório Martre* (1994), Berkowitz e Goodman (1989) utilizando o termo inteligência estratégica, ambos reforçando a inteligência como recurso estratégico; também cresce o número de publicações que apresentam a importância da proteção do conhecimento ou contrainteligência conforme destacado por Fuld (1995), Kahaner (1996), Dutka (1998), McGonagle e Vella (1998) e Shaker e Gembicki (1999); cresce a preocupação com a gestão da inteligência competitiva nas organizações, em função do início do crescimento dos investimentos ao redor do mundo, como nos trabalhos de Roukis, Conway e Charnov (1990), Ghoshal e Westney (1991), Prescott e Gibbons (1992 e 1993) e Fuld (1995). O período também é marcado pela sedimentação dos conceitos e consolidação do termo “*Competitive Intelligence*” na literatura e seu vínculo com as decisões estratégicas, bem como pela chegada da atividade ao Brasil com o Curso de Especialização em Inteligência Competitiva (CEIC), em 1997 (PRESCOTT, 1999; GORIA, 2006; MARCIAL, 2007; ALVARES, 2010). Em 1990, foi criada pela SCIP a *Competitive Intelligence Review*.

**e. Avanço no mundo corporativo e nas universidades – de 2000 aos dias de hoje.**

Crescimento significativo das publicações científicas ao redor do mundo, incluindo teses e dissertações (FLEISHER; WRIGHT; TINDALE, 2007). Consolida a visão estratégica da inteligência em Salles et al.

<sup>1</sup> Iniciando as bases para o uso da inteligência competitiva no nível estratégico.

(2000), Negash (2003), Afolabi e Thiery (2005) e Dhaoui (2005). Há avanços no campo das pesquisas epistemológicas como os trabalhos de Prescott (1999), Serpa (2000), Cervantes (2004), Comai (2004), Jorndam e Finkelstein (2005), Juhari e Stephens (2006), Gorla (2006), Marcial (2007), Capuano et al. (2009) e Marcial (2013). Inicia-se a preocupação com a gestão dos recursos humanos, a exemplo de Amaral (2006) e Barbalho e Marques (2009). No Brasil, em 2000, é criada a Associação Brasileira dos Analistas de Inteligência Competitiva (Abraic). É lançada a revista *Puzzle*, na Espanha em 2002, o *Journal of Competitive Intelligence*, pela SCIP em 2003; e a *Revista de Inteligência Competitiva no Brasil* (Qualis B3) em 2011 - todas revistas científicas especializadas em inteligência competitiva.

Para o levantamento da finalidade da pesquisa na área de IC, suas questões de pesquisa, métodos científicos e tipo de pesquisa para solucioná-los, tomou-se como base os trabalhos de Marcial (2013) e Marcial e Suaiden (2014). Seus resultados foram obtidos pela análise amostral de 315 documentos científicos formados por artigos científicos (79,4%), dissertações (17,1%) e teses (3,5%). Esses documentos representam pesquisas no campo da IC nas seguintes áreas do conhecimento: administração (43,2%); ciência da informação (22,4%); próprias da área de inteligência (11,2%), tecnologia da informação (6,4%), economia (1,6%) e outros (15,2), o que confirma seu caráter interdisciplinar destacado por Platt (1974) e Marcial e Ornelas (2007).

Como essas pesquisas apresentam finalidades distintas, foram agrupadas em categorias, cujas principais identificadas foram: avaliar/mostrar/propor modelo de Sistema de Inteligência Competitiva (9,8%); levantar a evolução histórica da IC (7,9%); propor/identificar modelo que vincule monitoramento ambiental a IC (4,8%); demonstrar a relação entre IC e processo decisório (4,4%); propor/comparar/descrever método de

reunião de inteligência (4,4%); identificar questões epistemológicas/filosóficas da IC e estabelecer terminologia para a área (4,1%); propor/identificar modelo/método de análise (4,1); e mostrar a relação entre IC e gestão estratégica e propor modelo (3,8%) (MARCIAL, 2013). Esse levantamento destaca a preocupação com a delimitação do tema, seu caráter sistêmico focado na reunião e análise no campo da IC e o fato dessa área estar vinculada ao processo decisório e de gestão estratégica. A área mais antiga de pesquisa é sobre o sistema de inteligência competitiva, caracterizando-se também como o tema mais pesquisado até o final da década de 2000.

Para delimitar uma disciplina científica também é necessário conhecer suas questões de pesquisa e os métodos utilizados para respondê-la. As diversas questões de pesquisa identificadas foram organizadas em 16 categorias, conforme destacado em Marcial (2013) e Marcial e Suaiden (2013) na tabela 1.

O conhecimento dos métodos utilizados e os tipos de pesquisa realizados no âmbito da IC para responder às questões de pesquisa foram apresentados por Marcial (2013) na tabela 2. O tipo de pesquisa mais comum é o exploratório, já os métodos de pesquisa mais utilizados são o “levantamento bibliográfico” (41% das pesquisas) e o “estudo de caso” (26% das pesquisas).

Por fim, o quadro 1 mostra, em síntese, uma proposta de estrutura científica e sistema de investigação para IC, com base nos resultados do levantamento e da análise realizados (MARCIAL, 2013; MARCIAL; SUAIDEN, 2016).

Tabela 1 – Principais questões de pesquisa das décadas de 1990 e de 2002

Categorias	Período						Total
	1950	1960	1970	1980	1990	2000	
Avaliar/mostrar/propor modelo de SIC	1	0	6	2	4	18	31
Levantar a evolução histórica da IC	0	0	0	0	5	20	25
Propor/identificar modelo que ligue monitoramento ambiental às necessidades de IC	0	0	0	0	4	11	15
Demonstrar a relação entre IC e processo decisório	0	0	0	0	4	10	14
Propor/identificar modelo/método de análise	0	0	0	2	7	4	13
Identificar questões epistemológicas/filosóficas da IC e estabelecer terminologia	0	0	0	0	1	12	13
Demonstrar a relação entre IC e gestão estratégica e propor modelo	0	0	0	0	1	11	12
Investigar/mapear e propor modelo de competências do profissional de IC	0	0	0	0	2	9	11
Identificar questões filosóficas no campo da ética no contexto da IC	0	0	0	0	4	7	11
Propor modelo de IC	0	0	0	0	5	2	7
Propor/identificar ferramentas para IC	0	0	0	0	0	4	4
Analisar a atuação do profissional de IC	0	0	0	0	0	3	3
Evidenciar a relação entre redes sociais e IC	0	0	0	0	0	3	3
Identificar o uso da IC pelas organizações	0	0	0	0	0	3	3
Propor modelo conceitual de inteligência estratégica	0	0	0	0	0	3	3
Propor modelo de capacitação em IC	0	0	0	0	0	3	3

Fonte: Marcial (2013) e Marcial e Suaiden (2014)

Tabela 2 – Método de pesquisa *versus* tipo de pesquisa

Método de pesquisa	Tipo de pesquisa			Total	%
	Pesquisa Exploratória	Pesquisa Descritiva	Pesquisa Experimental		
Levantamento bibliográfico	72	57	0	129	41,0%
Estudo de caso	75	7	0	82	26,0%
Levantamento estatístico	6	70	2	78	24,8%
Método histórico	6	4	0	10	3,2%
Método comparativo	1	3	0	4	1,3%
Levantamento documental	1	2	0	3	1,0%
Pesquisa-ação	1	1	0	2	0,6%
Outros	3	4	0	7	2,2%
<b>Total</b>	<b>165</b>	<b>148</b>	<b>2</b>	<b>315</b>	<b>100,0%</b>
<b>%</b>	<b>52,4%</b>	<b>47,0%</b>	<b>0,6%</b>	<b>100,0%</b>	

Fonte: Marcial (2013)

<sup>2</sup> SIC: Sistema de Inteligência Competitiva; IC: Inteligência Competitiva.

Quadro 1 – Estrutura científica e sistema de investigação da inteligência competitiva

Níveis de investigação	Produtos	Resultados
Epistemológico	Paradigmas	Cognitivo
		Físico
		Social
Científico	Teorias	Teoria do Conhecimento
		Teoria Geral de Administração
		Teoria da Decisão
		Teoria da Comunicação
		Teoria da Informação
		Teoria Geral dos Sistemas
		Teorias competitivas
		Teoria Geral da Inteligência
	Modelos	Produção de Inteligência
		Contrainteligência
		Monitoramento Ambiental
		Sistema de Inteligência Competitiva
	Métodos	Análise da indústria e da concorrência, principalmente os de Michael Porter
		Construção de cenários
		Benchmarking
		Análise de redes sociais
		Text mining
		Early warning
		Blindspot
	Técnicas	Key Intelligence Topics
		Técnica de entrevista
Aplicado	Soluções de problemas	Para melhoria do processo de IC
		Em outros processos organizacionais por meio da utilização da IC

Fonte: Marcial e Suaiden (2016)

O paradigma predominante e mais antigo identificado foi o cognitivo (45,4%), que está relacionado aos processos intelectuais de produção da informação, do conhecimento e de inteligência. Como a IC é uma área voltada para a produção de informação estratégica, exige uso do intelecto na análise e interpretação dos dados e informações, o que justifica a existência permanente de pesquisas voltadas para aprimorar o processo de produção da inteligência. O paradigma físico, segundo com maior ocorrência (37,1%) e em antiguidade (década de 1950), refere-se ao processo de reunião de dados e informação e ao seu tratamento automático. Sua

prevalência nos primeiros anos da pesquisa em IC pode ser justificada pelo fato de a atividade de inteligência ter como foco, inicialmente, a coleta de dados. Já os avanços no uso das tecnologias da informação e comunicação pela atividade de IC nas décadas de 1990 e 2000 podem justificar o crescimento da pesquisa regida por esse paradigma naqueles períodos. O paradigma social (17,5% das pesquisas) emerge recentemente (década de 1990) e surge vinculado a características intrínsecas da IC – atividade humana pautada nas relações sociais.

Outra justificativa de seu surgimento pode ser atribuída ao crescimento da gestão de redes sociais como facilitador da entrada e manutenção do profissional de IC no fluxo informacional, aumentando as chances de identificação de sinais fracos e possíveis mudanças ambientais futuras, conforme abordado por Mendes et al. (2010).

As teorias, métodos e modelos mais citados emergem de artigos produzidos em diversas áreas do conhecimento, o que reforça o caráter interdisciplinar da IC. A tabela 3 apresenta os mais citados e as áreas de conhecimento em que as pesquisas foram realizadas. Nesse contexto destaca-se o “ciclo de IC” e a área de administração apresentando maior citação e ocorrência da pesquisa respectivamente.

Tabela 3 – Teorias, métodos e modelos mais citados e as área de conhecimento<sup>3</sup>

Teorias, métodos e modelos	Ciência da Informação	Administração	Tecnologia da Informação	Engenharia da Produção	Relações Internacionais	Inteligência	Outros	Total	Total % 315 artigos
Modelo de ciclo de IC	34	47	2	10	1	28	14	136	43,2
Modelo de monitoramento ambiental	13	23	0	4	0	7	5	52	16,5
Método de análise da indústria - 5 forças de Porter	10	24	1	6	0	4	4	49	15,6
Modelo de análise da matriz SWOT	12	14	1	6	0	4	2	39	12,4
Método de análise e construção de cenários	8	15	0	1	0	7	3	34	10,8
Método de benchmarking	7	10	0	4	0	4	1	26	08,3
Método de análise dos Fatores Críticos de Sucesso	3	9	0	6	0	2	2	22	7,0
Modelo de Contrainteligência	5	7	0	1	1	3	2	19	6,0
Método de network analyze	3	8	1	0	0	6	1	19	6,0
KIT	2	7	0	1	0	6	2	18	5,7
Método de análise da concorrência de Porter	6	8	0	0	0	3	0	17	5,4
Teoria Geral da Administração	3	6	0	3	0	1	3	16	5,1
Método de early warning analysis	2	5	0	0	0	6	1	14	4,4
Método de text mining	3	2	3	1	0	0	5	14	4,4

Fonte: Marcial (2013) e Marcial e Suaiden (2016)

<sup>3</sup> IC: inteligência competitiva; KIT: *Key Intelligence Topics*; SWOT: *Strengths, Weaknesses, Opportunities and Threats*.

Por fim, a tabela 4 apresenta as contribuições aplicadas da pesquisa no campo da IC, segundo as categorias criadas. Destaca-se que a maior parte delas estão voltadas para melhoria do processo de IC (81,9%).

Para o estabelecimento de uma Teoria Geral da Inteligência Competitiva, falta descrever este objeto científico – variável “Vo” do modelo descrito na figura 2. Há na literatura vasta lista de definições de IC sob a ótica prática, entretanto resta uma lacuna sob a ótica científica (não foi encontrada uma definição científica para IC).

Com o intuito de suprir essa lacuna, define-se como objetivo específico desta pesquisa propor uma definição científica para a IC, considerando o modelo filosófico apresentado e a definição de ciência da informação proposta por Borko (1968), buscando responder: é possível redigir uma definição científica para a inteligência competitiva?

Tabela 4 – Contribuição aplicadas da pesquisa no campo da inteligência competitiva<sup>4</sup>

Contribuição aplicadas da pesquisa no campo da IC	fi	%	Categoria %
Contribuição da IC	57	18,1	100,0
Contribuição da IC ao processo decisório	14	4,4	24,6
Contribuição da IC na gestão estratégica	12	3,8	21,1
Contribuição da IC para resultado organizacional	8	2,5	14,0
Contribuição da IC - outros	23	71,1	40,4
Melhoria do processo de IC	258	81,9	100,0
Melhoria do processo de IC - SIC	28	8,9	10,9
Melhoria do processo de IC - evolução da IC	19	6,0	7,4
Melhoria do processo de IC - reunião de informação	13	4,1	5,0
Melhoria do processo de IC - monitoramento	12	3,8	4,7
Melhoria do processo de IC - competências profissionais de IC	11	3,5	4,3
Melhoria do processo de IC - ética	11	3,5	4,3
Melhoria do processo de IC - análise de IC	10	3,2	3,9
Melhoria do processo de IC - melhores práticas	10	3,2	3,9
Melhoria do processo de IC - conceitual	8	2,5	3,1
Melhoria do processo de IC - mensuração do valor de IC	8	2,5	3,1
Melhoria do processo de IC - outros	128	58,7	49,6
Total	315	100,0	-

Fonte: Marcial (2013) e Marcial e Suaiden (2016)

<sup>4</sup> IC: Inteligência Competitiva; SIC: Sistema de inteligência competitiva; fi: frequência i.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa teve duração de quatro anos (2010 a 2013) e é classificada como descritiva. Os métodos utilizados foram o bibliográfico e o histórico estruturados sob a abordagem sistêmica para a compreensão do objeto científico. Utilizou-se a filosofia da ciência para construção da definição científica, respondendo às perguntas: O que? Como? Por que? Para que? Para tanto, foi definido e aplicado o modelo que apresenta as variáveis de pesquisa utilizadas para a definição de um objeto científico (figura 2).

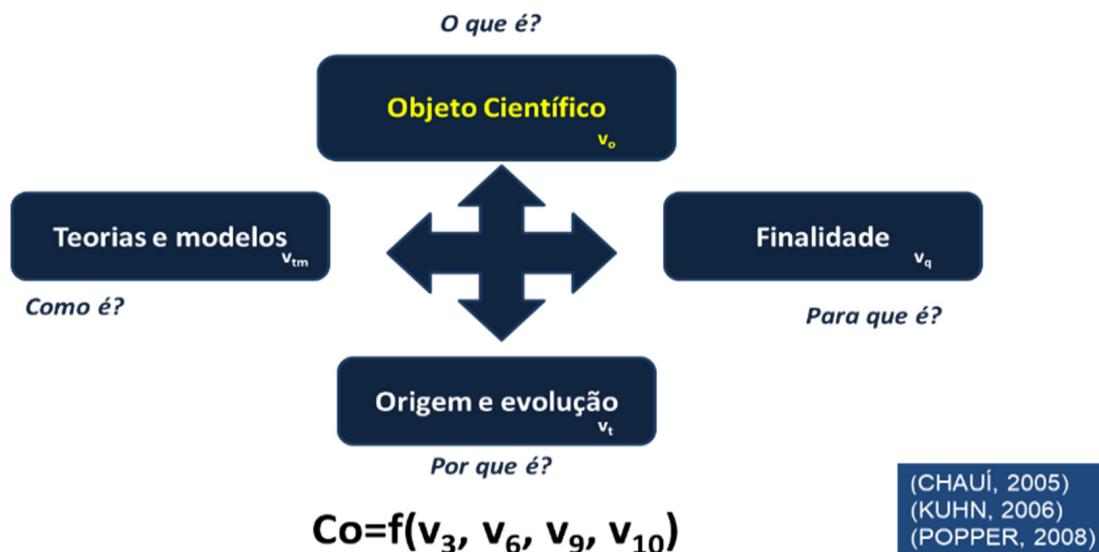
Para responder a essas questões utilizaram-se: (1) os resultados já apresentados de delimitação da estrutura científica e sistema de investigação da IC; (2) a compreensão das diversas definições encontradas no âmbito da pesquisa para inteligência competitiva; e (3) a definição científica de ciência da informação, dado que a inteligência competitiva se refere a uma área específica do objeto científico informação.

A população dessa pesquisa foi formada por artigos científicos, teses e dissertações em línguas portuguesa e inglesa (restrição desta pesquisa). Utilizou-se amostragem aleatória estratificada proporcional para seleção da amostra.

A coleta foi realizada em unidades amostrais formadas por periódicos nacionais e internacionais, em línguas inglesa e portuguesa, e bancos de teses e dissertações brasileiros. O Google e demais operadores de busca foram utilizados para recuperação dos documentos, como também consultas a bibliotecas especializadas, ao Comut e busca monitorada no exterior.

Os estratos que formaram a população alvo desta pesquisa foram definidos com base na análise dos resultados das buscas realizadas: 933 referências levantadas por Dishman, Fleisher e Knip (2003); Fleisher, Knip, Dishman (2003), Knip, Dishman e Fleisher (2003); e Fleisher, Wright e Tindale (2007); e bases de dados: Documents in Information Science (DoIS), Google Scholar, Library and Information Science Abstracts (LISA), Information Science & Technology Abstracts (ISTA), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Web of Science. Foram selecionados 105 estratos, que continham 933 documentos sobre pesquisa na área de IC. Realizado cálculo amostral obteve-se tamanho de amostra mínima de 240 documentos. No total, foram analisados 313 documentos: 240 selecionados segundo amostragem aleatória estratificada e 73 advindos da revisão da literatura, conforme descrito por Marcial (2013).

Figura 2 – Conceito de disciplina científica



Fonte: Marcial (2013)

## RESULTADOS

No levantamento realizado, foram identificadas 438 citações de definição de inteligência competitiva, totalizando 127 autores referenciados, o que confirma a falta de consenso quanto a uma definição unificada para o tema. Na tabela 5, são apresentados os autores mais citados, sendo a definição de Larry Kahaner (1996) a mais citada, seguida pela da SCIP (2012), de Leonard Fuld (1995) e da Abraic (2001). A alta frequência de definições cujo país de origem do autor era Brasil ou USA pode ser explicado pela forma como a população foi definida – restrições da pesquisa.

Tabela 5 – Autores com definição de IC citadas

Definições	País	fi	%	% Acumulado
Kahaner	USA	48	11,0	11,0
SCIP	USA	43	9,8	20,8
Fuld	USA	32	7,3	28,1
Abraic	BR	18	4,1	32,2
Herring	USA	17	3,9	36,1
Prescott	USA	17	3,9	40,0
Tyson	USA	17	3,9	43,8
Miller	USA	14	3,2	47,0
Tarapanoff	BR	13	3,0	50,0
Gilad	USA	11	2,5	52,5
Calof	USA	10	2,3	54,8
Lesca	França	10	2,3	57,1
Coelho	BR	8	1,8	58,9
Fleisher	USA	6	1,4	60,3
McGonagle e Vella	USA	6	1,4	61,6
Gomes e Braga	BR	5	1,1	62,8
NIC/UnB	BR	5	1,1	63,9
Marcial	BR	5	1,1	65,1

Fonte: Marcial (2013)

Avaliação temporal das definições mostrou que as mais antigas são da década de 1950: de Peter Hans Luhn (1958) e Sherman Kent (1967). Em 1960, há a citação da definição de William Thomas Kelley (1965).

Quanto aos autores mais citados, as definições mais antigas datam da década de 1980, são eles Leonard Fuld, John Prescott, Ben Gilad e McGonagle e Vella, conforme mostra a tabela 6.

Tabela 6 – Evolução das definições

Definições	Décadas			Total
	1980	1990	2000	
Kahaner	0	48	0	48
SCIP	0	1	42	43
Fuld	2	28	2	32
Abraic	0	0	18	18
Herring	0	17	0	17
Prescott	1	6	10	17
Tyson	0	13	4	17
Miller	0	0	14	14
Tarapanoff	0	0	13	13
Gilad	7	3	1	11
Calof	0	7	3	10
Lesca	0	8	2	10
Coelho	0	0	8	8
Fleisher	0	0	6	6
McGonagle e Vella	3	2	1	6
Gomes e Braga	0	0	5	5
NIC/UnB	0	0	5	5
Marcial	0	0	5	5

Fonte: Marcial (2013)

Após a identificação dos autores mais citados, realizou-se análise bibliométrica dessas 18 definições para a identificação de padrões. Os resultados obtidos dos termos com maior frequência estão descritos na tabela 7. A análise desses dados mostra que a inteligência competitiva é um campo da informação. Trata-se de um processo sistemático/contínuo de reunião e análise de informação vinculado ao ambiente competitivo e ao processo de decisão estratégica.

Tabela 7 – Termos contidos nas definições versus autores

Termos/ Autores	Kahner	SCIP	Fuld	Abraic	Prescott	Herring	Tyson	Miller	Tarapanoff	Gilad	Calof	Lesca	Coelho	Fleisher	McGonagle; Vella	Gomes; Braga	Marcial	NIC/UnB	Total	%
Processo/ programa sistemático - contínuo	1	1		1	1	1	1	1	1		1	1	1	1	1		1	1	15	83
Informação	1	1	1	1	1	1	1		1			1	1		1	1	1	1	14	78
Ambiente competitivo / dinâmica competitiva		1	1		1	1	1	1	1	1		1		1	1			1	12	67
Concorrentes	1	1			1		1	1					1	1	1			1	9	50
Tomada de decisão estratégica		1	1		1	1							1	1	1	1	1		9	50
Análise	1	1	1		1	1		1			1		1	1					9	50
Coleta/ reunião	1	1			1	1		1			1		1	1				1	9	50

Fonte: Marcial (2013)

Outras palavras relevantes para a compreensão do que é IC que aparecem em algumas das definições analisadas são: trata-se de processo contínuo de monitoramento do macroambiente e do ambiente competitivo e da proteção do conhecimento sensível da organização, que permite a identificação de oportunidades e riscos. Esse processo facilita a produção de informação por meio da análise e interpretação do conteúdo reunido. Essa informação produzida deve conduzir a uma ação proativa que leve ao desenvolvimento de vantagem competitiva, ao buscar antecipar as mudanças ambientais, por meio da identificação e análise das tendências gerais dos negócios, construção de cenários, previsões e identificação de tecnologias emergentes. É uma atividade ética e legal que contribui para o atingimento dos objetivos da organização.

Com base na estrutura científica descrita para IC e nos resultados da análise do seu quadro conceitual e da definição de ciência da informação proposta por Borko (1968), propõe-se uma definição científica para a área nos seguintes termos:

inteligência competitiva é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento: (1) da informação nos processos decisórios e de produção de informação estratégica que apoiam as decisões estratégicas; (2) das forças que regem os fluxos informacionais dentro, de fora para dentro e de dentro para fora da organização; (3) dos processos de produção e de proteção da informação estratégica no âmbito das organizações para seu uso com fins negociais; bem como (4) do processo de monitoramento do ambiente que envolve a organização. Ela propõe teorias, métodos e modelos relacionados à produção e proteção de informação acionável estratégica, bem como de monitoramento e de sistemas de inteligência competitiva.

Ela se preocupa com o corpo de conhecimento relativo à origem, à reunião, à interpretação, à transformação, à comunicação efetiva e ao uso da informação acionável no processo decisório, com o objetivo de manter ou aumentar a competitividade das organizações.

Inclui a investigação das características da informação, seja ela registrada ou não, e sua transmissão. Trata-se de área interdisciplinar que se integra, principalmente, com a ciência da informação, a administração, a psicologia, a comunicação, e a ciência da computação. Ela tem um caráter tanto de ciência pura, que investiga o assunto sem levar em conta sua aplicação, quanto de aplicada, que desenvolve produtos e serviços.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da proposta de definição científica para a inteligência competitiva, o quadro para classificação da IC como uma disciplina científica segundo a filosofia da ciência se fecha, concluindo-se ser uma área muito mais ampla do que apenas uma atividade prática. Isso porque, apresenta todos os elementos que compõem qualquer disciplina científica. Apesar de as constatações iniciais apontarem para a inexistência de uma estrutura científica, conclui-se que ela apenas não havia sido explicitada até o momento, visto que a presente proposta de estrutura científica e seu respectivo sistema de investigação foi elaborada com base na análise das publicações científicas encontradas nesse campo do conhecimento.

Foi possível apresentar um quadro unificador de sua evolução teórica, composta de cinco períodos: antecedentes, origem e primeiros passos, sistematização e estrutura da IC nas organizações e introdução da visão da indústria e da concorrência, inteligência como recurso estratégico, avanço no mundo corporativo e nas universidades. Como disciplina científica, apresenta um quadro de questões de pesquisa e utiliza-se de diversos métodos científicos para solucioná-las. O campo de pesquisa é amplo, perene e em expansão e se desenvolve em diversas áreas de conhecimento, caracterizando-a como multidisciplinar. A finalidade dessa disciplina é a pesquisa no campo da informação, o que a confirma como pertencente ao corpo da ciência da informação.

Foram encontrados três paradigmas que orientam a pesquisa na área de IC: físico, cognitivo e social, e um corpo teórico que fornece suporte à pesquisa nessa área, que contribui para a solução de problemas de ordem aplicada. Tal estrutura científica e sistema de investigação da inteligência competitiva (IC) foi apresentado no quadro 1. Todos esses elementos delimitam o que pode ser chamado da Teoria Geral da Inteligência Competitiva, composta pela definição desse objeto científico, sua evolução teórica, suas questões de pesquisa e estrutura científica composta por um sistema de investigação nos níveis epistemológico, científico e aplicado.

Destacam-se como contribuições dessa pesquisa: (1) a apresentação dos elementos que compõe uma Teoria Geral da Inteligência Competitiva e sua delimitação como disciplina científica do campo da ciência da informação; (2) no campo aplicado a possibilidade de melhoria da estruturação dessa atividade nas organizações e a definição de uma grade de conhecimentos para capacitação adequada do profissional de IC.

Identificam-se como possíveis desdobramentos dessa pesquisa: a ampliação da população definida, por meio da inclusão de novos documentos em outras línguas, como o francês, o alemão e o espanhol, como também todos os publicados a partir de 2012. Recomenda-se que a evolução dessa área científica seja permanentemente acompanhada para que sua estrutura científica permaneça atualizada, como ocorre em todas as áreas do conhecimento.

---

## REFERÊNCIAS

AFOLABI, Babajide.; THIERY, Odile. Système d'intelligence économique et paramètres sur l'utilisateur: application à un entrepôt de publications. *International Journal of Information Science for Decision Making (ISDM)*, Toulon, n. 22, 2005.

AGUILAR, F.J. *Scanning the business environment*. New York: the Macmillan Company, 1967.

ALVARES, L. *Cooperação Franco-Brasileira em Inteligência Competitiva: fragmentos históricos da origem e evolução da área no Brasil sob a perspectiva do setor público*. Relatório Final. Brasília, mar. 2010.

- AMARAL, R. M. *Desenvolvimento e aplicação de um método para o mapeamento de competências em inteligência competitiva*. 2006. 209 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS ANALISTAS DE INTELIGÊNCIA COMPETITIVA (ABRAIC). *Glossário*. Disponível em: <<http://www.abraic.org.br>>. Acesso em: 06 jul. 2011.
- BARBALHO, C. R. S.; MÁRQUEZ, S. O. M. *Formação de competências para inteligência competitiva: a experiência da Universidade Federal do Amazonas*. Brasil. Disponível em: <http://www.intempres.pco.cu/Intempres2006/Intempres2006/Ponencias/260.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2009.
- BAUMARD, P. *Stratégie et surveillance des environnements concurrentiels*. Paris: Editions Masson, 1991.
- BERKOWITZ, B. D.; GOODMAN, A. E. *Strategic intelligence for American National Security*. Princeton: Princeton University Press, 1989.
- BORKO, H. Information science: what is it? *American Documentation*, Nova York, v. 19, n. 1, p. 3-5, jan.1968.
- CAPUANO, E. A. et al. Inteligência competitiva e suas conexões epistemológicas com gestão da informação e do conhecimento. *Revista Ciência da Informação*, Brasília, v. 38, n. 2, p. 19-34, 2009.
- CAPURRO, R. Foundations of information science: review and perspectives. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON CONCEPTIONS OF LIBRARY AND INFORMATION SCIENCE, 1991, Tampere. *Proceedings...* Tampere: University of Tampere, 1991. Disponível em: <<http://www.capurro.de/tampere91.htm>>. Acesso em: 14 abr. 2004.
- CARR, M.M. *Super searchers on competitive intelligence: the online and offline secrets of top CI researches*. New Jersey: CyberAge Books, 2003.
- CERVANTES, B. M. N. *Contribuição para a Terminologia do Processo de Inteligência Competitiva: estudo teórico e metodológico*. 2004. 183p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2004.
- CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. 13. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- COMAI, A. Global code of ethics and competitive intelligence purposes: an ethical perspective on competitors. *Journal of Competitive Intelligence and Management*, v. 2, n. 1, p. 25-44, spring, 2004.
- DHAOUI, C.; DAVID, A. An approach for modelling of business intelligence systems to enhance the strategic management of the enterprise. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON BUSINESS, ECONOMICS, AND MANAGEMENT MARKETING, 3., 2005, Athens. *Proceedings...* Athens: [s.n.], 2005.
- DISHMAN, P.; FLEISHER, C.; KNIP, V. Chronological and categorized bibliography of key competitive intelligence scholarship. *Journal of Competitive Intelligence and Management*, v. 1, n. 1, p. 13-79, spring, 2003.
- DUTKA, A. *Competitive intelligence for the competitive edge*. Chicago: NTS Business Books, 1998.
- FLEISHER, C.; KNIP, V.; DISHMAN, P. Chronological and categorized bibliography of key competitive intelligence scholarship. *Journal of Competitive Intelligence and Management*, Falls Church, v. 1, n. 2, p. 11-86, summer, 2003. Part 2. (1990 - 1996).
- FLEISHER, C.; WRIGHT, S.; TINDALE, R. Bibliography and assessment of key competitive intelligence scholarship. *Journal of Competitive Intelligence and Management*, Falls Church, v. 4, n. 1, p. 32-92, winter, 2007. Part 4. (2003 - 2006).
- FULD, L.M. *Administrando a concorrência: como obter e administrar informações sobre a concorrência criando um sistema de inteligência eficiente*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- FULD, L.M. Intelligence two centuries later. *Competitive Intelligence Magazine*, Falls Church, v. 5, n. 6, p. 40-41, 2002.
- FULD, L. M. *Monitoring the competition*. New York: Wiley, 1988.
- FULD, L.M. *The new competitor intelligence: the complete resource for finding, analyzing, and using information about your competitors*. New York: John Wiley & Sons, 1995.
- GHOSHAL, S.; WESTNEY, E. D. Organizing competitor analysis systems. *Strategic Management Journal*, Chicago, v. 12, p. 17-31, 1991.
- VAN GIGCH, J.P.; PIPINO, L. L. In search of a paradigm for the discipline of information systems. *Future Computer Systems*, v.1, n.1, p. 71-97, 1986.
- GILAD, B.; GILAD, T. *The business intelligence system*. New York: Amacon, 1988.
- GLOBAL INTELLIGENCE ALLIANCE (GIA). Competitive intelligence in large companies - Global Study. *GIA White Paper*, v. 4, 2005.
- GORIA, S. Knowledge management et intelligence économique: deux notions aux passés proches et aux futurs complémentaires. *Information Sciences for Decision Making*, n. 27, p. 1-16, 2006.
- GRABOWSKI, D.P. Building an effective competitive intelligence system. *Journal of Business & Industrial Marketing*, Bingley, v. 1, n. 1, p. 19-23, 1986.
- GREENE, R.M. *Business intelligence and espionage*. Editions Dow-Jones et Irwin Inc, 1966.
- GUYTON, W. J. *A guide to gathering marketing intelligence*. Industrial Marketing, March, 1962.
- HARBULOT, C. *La machine de guerre économique*. Paris: Editions Economica, 1992.
- HAX, A. C.; MAJLIF, N. S. *Strategic management: an integrative perspective*. New Jersey: Prentice-Hall, 1984.
- HEDIN, H. Evolution of competitive intelligence in Sweden. *Journal of Competitive Intelligence and Management*, v. 2, n. 3, p. 56-75, 2004.

- HUFF, A.S. Strategic intelligence systems. *Information et Management*, v. 2, p. 187-196, 1979.
- JAKOBIAK, F.; DOU, H. De l'information documentaire à la veille technologique pour l'entreprise. In: DEVALS, H.; DOU, H. *La veille technologique: l'information scientifique, technique et industrielle*. Paris: Editions Dunod, 1992.
- JOHNSON, A. *Every business needs an intelligence department*. Disponível em: <[http://dalanjohnson.com/html/iintel\\_unit.html](http://dalanjohnson.com/html/iintel_unit.html)>. Acesso em: 03 dez. 2011.
- JONES, R. V. Scientific intelligence. *Journal of the Royal United Service Institution*, v. 92, p. 352-369, 1947.
- JORDAN, J.; FINKELSTEIN, S. The ethics of competitive intelligence. Tuck School of Business at Dartmouth, 2005. Disponível em <<http://mba.tuck.dartmouth.edu/pdf/2005-1-0095.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2012.
- JUHARI, A.S.; STEPHENS, D. Tracing the origins of competitive intelligence throughout history. *Journal of Competitive Intelligence and Management*, Falls Church, v. 3, n. 4, p. 61-82, 2006.
- KAHANER, L. *Competitive intelligence: how to gather, analyse, and use information to move your business to the top*. New York: Simon & Schuter, 1996.
- KELLEY, W.T. Marketing intelligence for top management. *Journal of Marketing*, v. 29, p. 19-24, oct. 1965.
- KENT, S. Informações estratégicas: Strategic intelligence for American world policy. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1967.
- KING, W. R.; CLELAND, D. I. Environmental information systems for strategic marketing planning. *Journal of Marketing*, Chicago, v. 38, p. 35-40, 1974.
- KNIP, V.; DISHMAN, P.; FLEISHER, C. Chronological and categorized bibliography of key competitive intelligence scholarship. *Journal of Competitive Intelligence and Management*, v. 1, n. 3, p. 10-79, winter, 2003. Part 3. (The earliest writing - 1989).
- KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- LUHN, H.P. A business intelligence system. *IBM Journal of Research and Development*, Armonk, n. 2, p. 314-319, 1958.
- MARCIAL, E. C. *Utilização de modelo multivariado para identificação dos elementos-chave que compõem sistemas de Inteligência Competitiva*. 2007. 161 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Aspectos fundamentais da Inteligência Competitiva e a Ciência da Informação*. Brasília: Universidade de Brasília, 2013. 252 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Brasília, 2013.
- \_\_\_\_\_.; SUAIKEN, E. J. A estrutura científica da inteligência competitiva. *Transinformação*, v. 28, p. 97-106, 2016.
- \_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_. Inteligência Competitiva: somente uma atividade prática ou também uma disciplina científica da Ciência da Informação? *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, v. 6, n. 2, p. 1-20, 2014.
- \_\_\_\_\_.; ORNELAS, A. C. A interdisciplinaridade da atividade de inteligência competitiva e o perfil dos doutores do Lattes vinculados a inteligência competitiva. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2007, Brasília. *Anais...* Brasília: FEBAB, 2007. CD-ROM.
- MARTINET, B.; RIBAUD, J. M. *La veille technologique, concurrentielle et commerciale*. Paris: Editions d'Organisation, 1988.
- MARTRE, H.; CLERC, P.; LEVET, J.L. Intelligence économique et stratégie des entreprises. La documentation française, 1994.
- McGONAGLE, J.; VELLA, C. *Protecting your company against competitive intelligence*. Westport: Quorum Books, 1998.
- MENDES, A. L.; MARCIAL, E. C.; FERNANDES, F. *Fundamentos da inteligência competitiva*. Brasília: Thesaurus, 2010. (Coleção Inteligência Competitiva, v. 1).
- MONTGOMEY, D. B.; WEINBERG, C. B. Toward strategic intelligence systems. *Journal of Marketing*, Chicago, v. 43, p. 41-52, 1979.
- NEGASH, S.; GRAY, P. Business intelligence. In: THE AMERICAS CONFERENCE ON INFORMATION SYSTEMS, 9., 2003, Tampa. *Proceedings ...*Tampa, 2003.
- PLATT, W. *A produção de informação estratégica*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1974.
- POPPER, K. R. *Conjecturas e refutações*. 5. ed. Brasília: Editora UnB, 2008.
- PORTER, M. E. *Estratégia competitiva: técnicas para análise da indústria e da concorrência*. 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- PORTER, M. E. *Vantagem competitiva: criando e sustentando um desempenho superior*. 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- PRESCOTT, J. E. Competitive intelligence: its role and function in organization. In: \_\_\_\_\_. *Advances in competitive intelligence*. Alexandria: SCIP, 1989.
- \_\_\_\_\_. The evolution of competitive intelligence: designing a process for action. *Proposal Management*, Washington, p. 37-52, spring, 1999.
- PRESCOTT, J. E.; GIBBONS, P. Europe 1992: A new dimension for competitive intelligence. *The Journal of Business Strategy*, Bingley, p. 20-26, Nov./Dec. 1992b.
- \_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_. *Global perspectives on competitive intelligence*. Alexandria: SCIP, 1993.

\_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_. A manager's guide for evaluating competitive analysis techniques. *Interfaces*, v. 18, n. 3, p. 10-22, may/jun. 1988.

\_\_\_\_\_.; SMITH, D. C. A framework for the design and implementation of competitive intelligence systems. In: CHARLES, C. Snow (Org.). *Strategy, organization design and human resource management*. Greenwich: JAI Press, 1989.

\_\_\_\_\_.; SMITH, D.C. A project-based approach to competitive analysis. *Strategic Management Journal*, v. 8, p. 411-423, 1987.

RIBAUT, T. Séminaire veille stratégique, ENSPTT, 1992.

ROUKIS, G.S.; CONWAY, H. CHARNOV, B.H. *Global corporate intelligence: opportunities, technologies, and threats in the 1990s*. New York: Quorum Books, 1990.

SERPA, L. F. Epistemological assessment of current business intelligence archetypes. *Competitive Intelligence Review*, v. 11, n. 4, p. 88-101, 2000.

SHAKER, S. M.; GEMBICKI, M. P. *The warroom: guide to competitive intelligence*. New York: McGraw-Hill, 1999.

SMITH, D. C.; PRESCOTT, J.E. Couple competitive analysis to sales force decisions. *Industrial Marketing Management*, v. 16. p. 55-61, 1987.

TABORDA, J. P.; FERREIRA, M. D. *Competitive intelligence: conceitos, práticas e benefícios*. Cascais: Pergaminho, 2002.

TYSON, K.W.M. *Business intelligence: putting it all together*. Lombard, IL: Leading Edge Publications, 1986.

TYSON, K.W. M. *The complete guide to competitive intelligence*. Chicago: Division of Kirk Tyson Associates, 1998.

VARGAS, L. M.; SOUZA, R. F. de. O ator de inteligência competitiva (IC) nas empresas: habilidades profissionais e exigências do mercado. *ReAd*, v. 7, n. 6, nov./dez. 2001.

VELLA, C. M.; MCGONAGLE, J. *Competitive intelligence in the computer age*. New York: Quorum Books, 1987

WILENSKY, H. L. *Organizational intelligence: knowledge and policy in government and industry*. New York: Editions Basic Books, 1967.